



# A cultura material da *villa* de Via Cova (Póvoa de Lanhoso)

JOSÉ RIBEIRO<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho.

## RESUMO

Com este artigo pretendemos fazer uma síntese da cultura material proveniente da *villa* de Via Cova, Póvoa de Lanhoso, e o seu contributo para o estabelecimento da crono-estratigrafia deste sítio arqueológico. O acervo considerado foi exumado nas escavações de 1990, intervenção da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, e estudado no âmbito da dissertação de mestrado *A villa de Via Cova (Póvoa de Lanhoso) e a problemática das villae romanas no Entre-Douro-e-Minho* (Ribeiro, 2018).

## PALAVRAS-CHAVE

Cultura material; terra *sigillata* hispânica; terra *sigillata* hispânica tardia; terra *sigillata* africana; cinzenta tardia; engobe branco; engobe vermelho não vitrificável; cerâmica comum; cerâmica; líticos; metais; vidros.

## ABSTRACT

With this article we intend to summarize the material culture originating from the *villa* of Via Cova, Póvoa de Lanhoso, and its contribution to the establishment of the chrono-stratigraphy of this archaeological site. The collection considered was exhumed in the 1990 excavations, an intervention carried out by the Archaeology Unit of the University of Minho, and studied as part of the master's thesis *A villa de Via Cova (Póvoa de Lanhoso) e a problemática das villae romanas no Entre-Douro-e-Minho* [The villa of Via Cova (Póvoa de Lanhoso) and the problem of Roman villas in Entre-Douro-e-Minho] (Ribeiro, 2018).

## KEYWORDS

Material culture; Hispanic terra *sigillata*; late Hispanic terra *sigillata*; African terra *sigillata*; late grey; white engobe; non-vitrifiable red engobe; common ceramics; ceramics; lithics; metals; glasses.



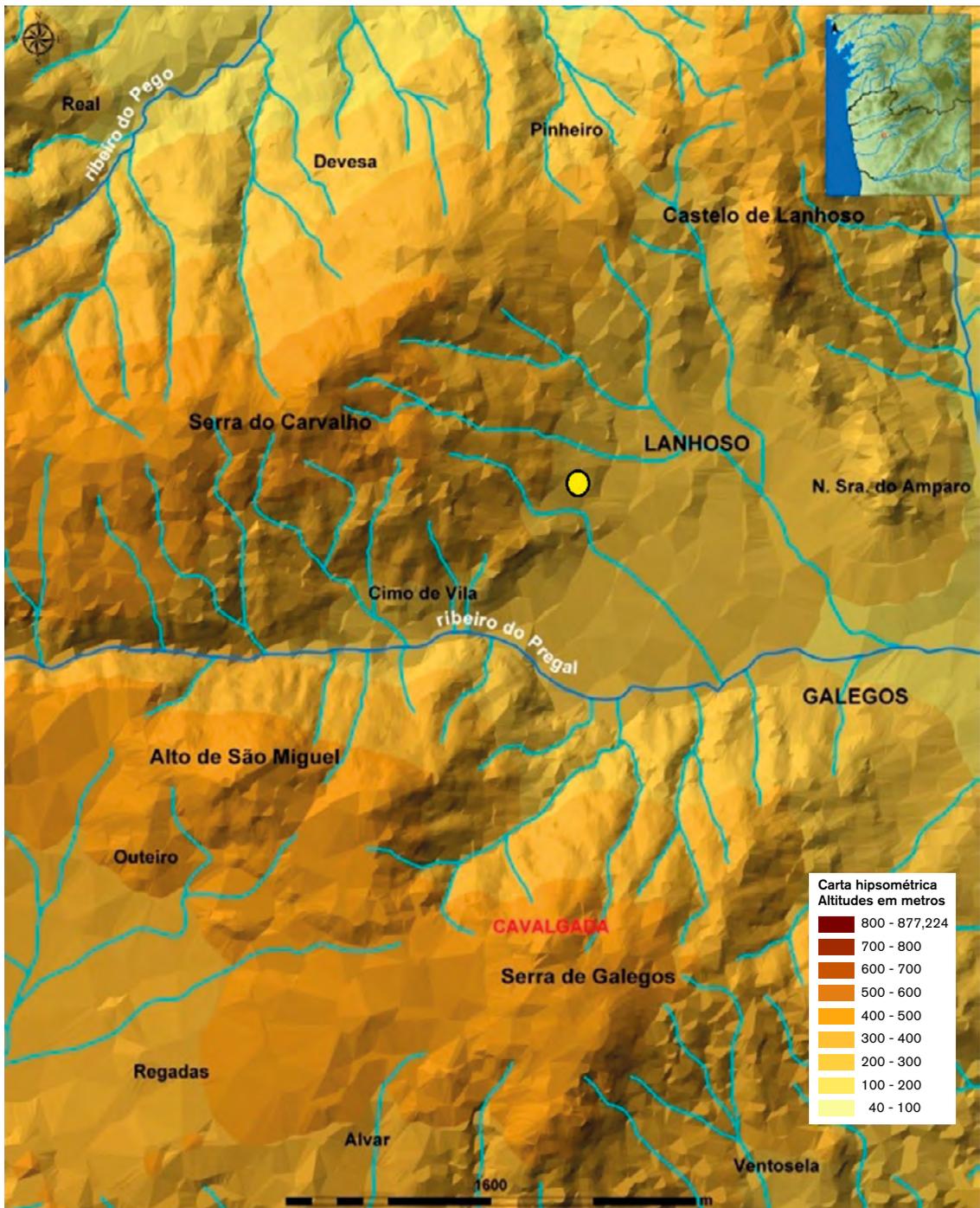


Figura 2. Localização da *villae* de Via Cova (Sousa, 2018).

## 2. Síntese arquitetónica

A intervenção arqueológica, efetuada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, em 1990, permitiu colocar a descoberto parte da ala de um edifício definido por dois grandes muros, com nítidas remodelações, que se desenvolvem de su-sudeste para noroeste. Com cerca de 24,5m de comprimento por 5,70m de largura, a ala organiza-se em sete compartimentos distintos e um pátio exterior a nordeste.

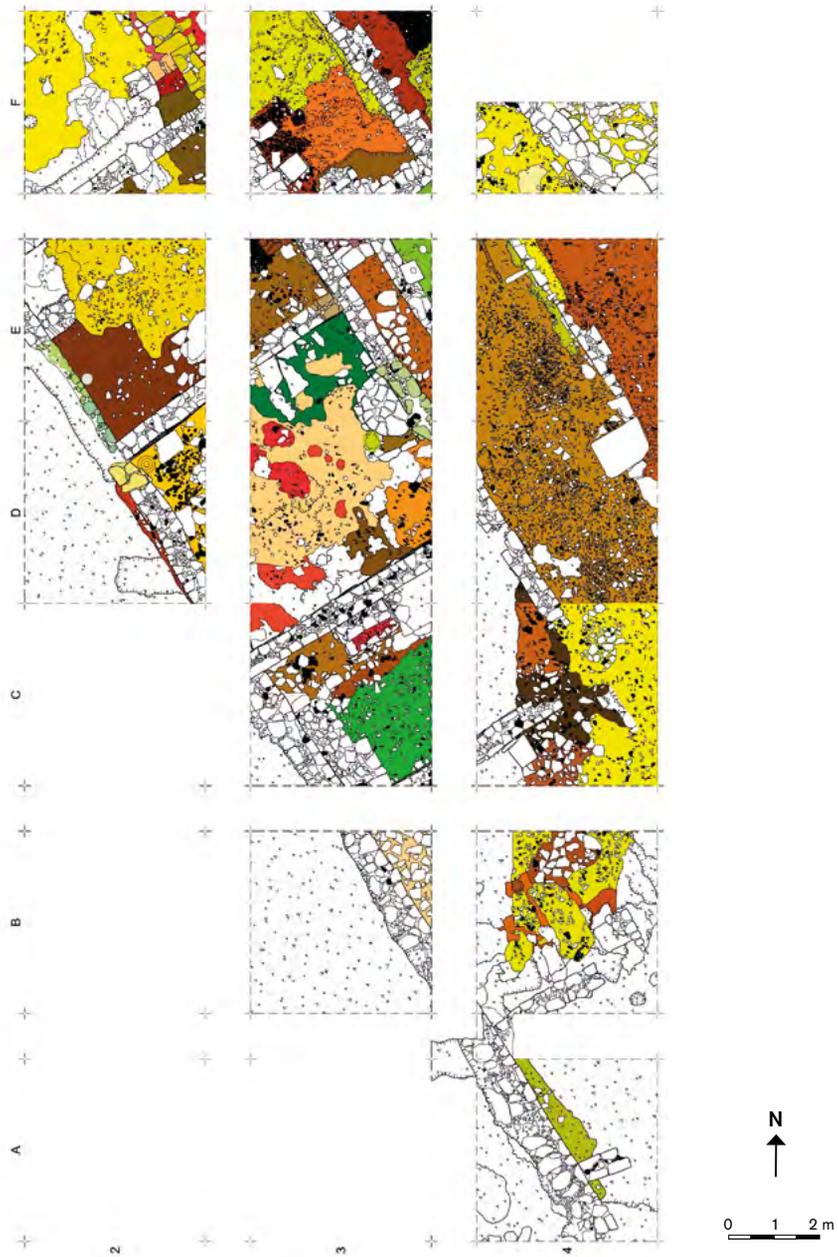


Figura 3. Planta geral de Via Cova.

Da análise estrutural do edificado percebemos que a construção, tal como ela se apresenta atualmente, corresponde a uma remodelação de uma edificação anterior, cuja morfologia é impossível de restituir com exatidão, quer pelo seu grau de destruição quer pela falta de leitura integral da área construída.

A seqüência das várias leituras estratigráficas analisadas também não é clara quanto à evolução ocupacional deste assentamento romano, traduzindo, grosso modo, as diversas destruições operadas em época contemporânea e as últimas fases de ocupação do sítio.

Pelos elementos de análise truncados e muito fragmentados por força da destruição operada pela construção da urbanização e pelo estado inacabado da intervenção arqueológica de 1990, não nos é possível caracterizar todo o programa construtivo deste assentamento, desde o período alto-imperial, em que foi implantado o primeiro assentamento, até ao decurso do baixo império, altura em que o edifício terá atingido o seu apogeu, a que verdadeiramente poderemos chamar de *villa*.

O edifício tal e qual o vemos hoje é fruto de várias remodelações e acrescentos de um assentamento antigo do qual pouco ou nada sabemos.

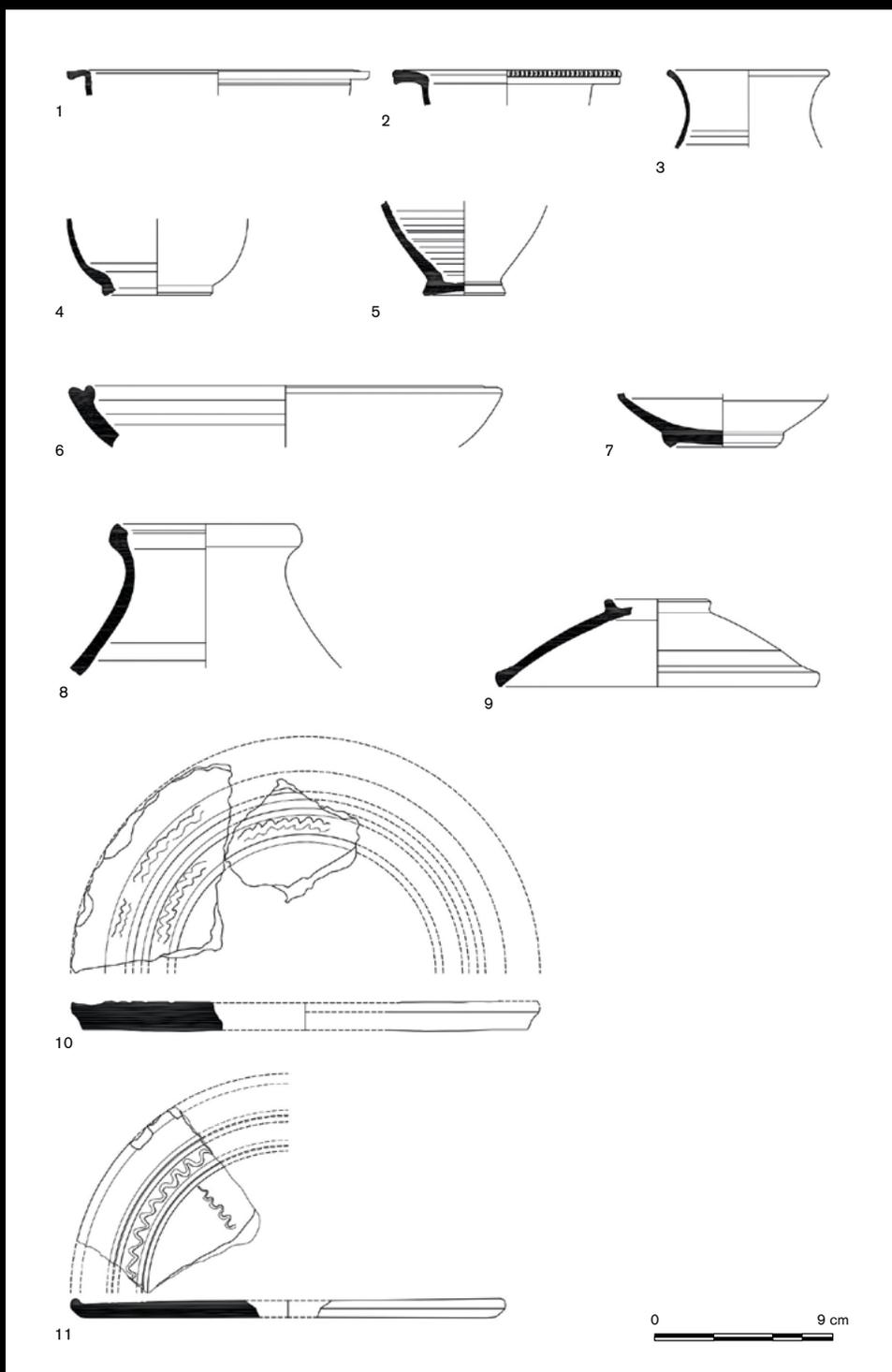
### 3. Cultura material

Como já referimos anteriormente, o carácter truncado do registo arqueológico que vivenciamos em Via Cova não nos permite um refinamento das várias fases de ocupação/construção. Contudo, da análise dos materiais encontrados durante as escavações podemos retirar algumas considerações que evidenciaremos seguidamente.

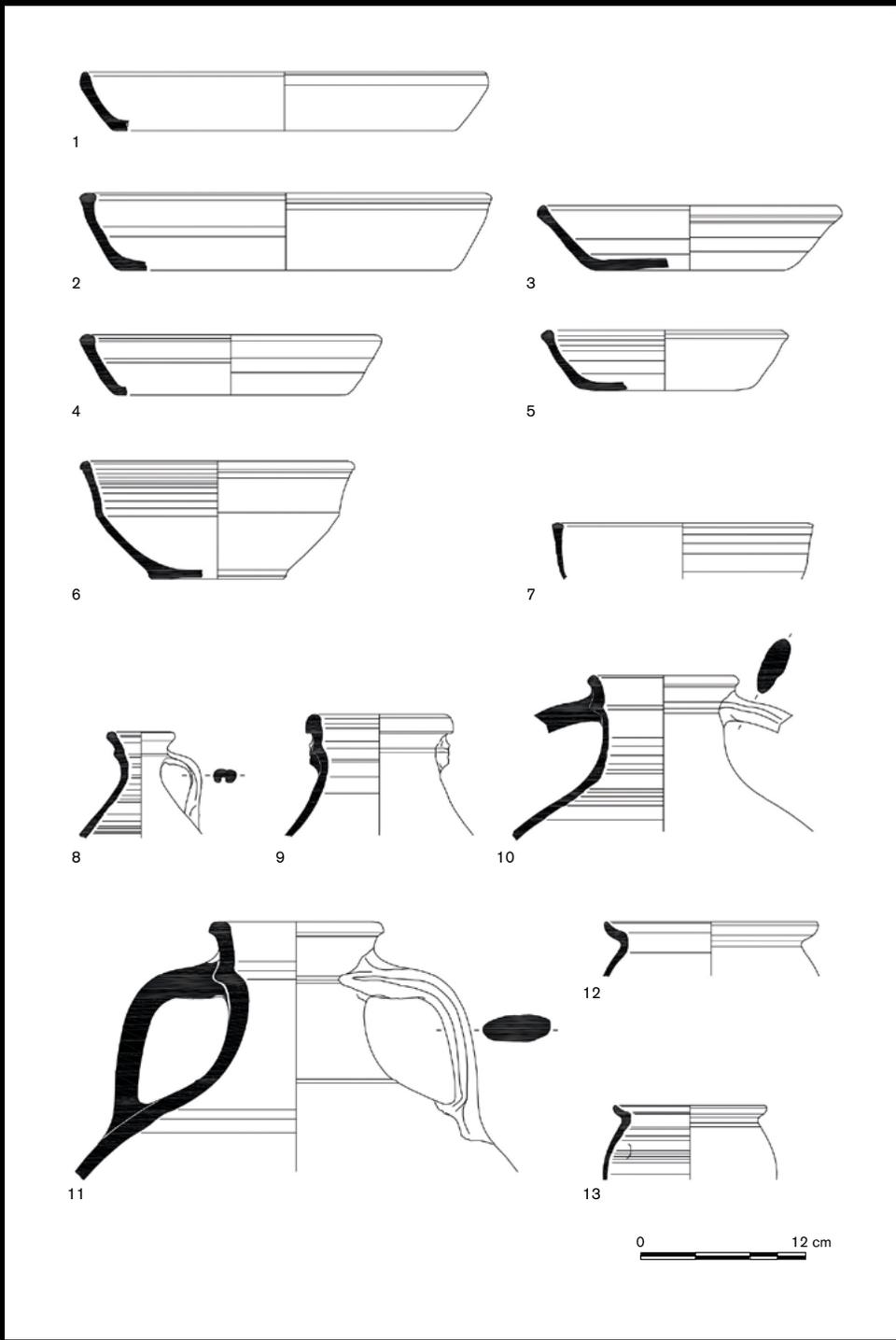
Das produções enquadráveis na designada cerâmica comum destacamos as produções usadas na cozinha e de ir a mesa (alguidares, bacias, potes, almofarizes, taças, jarros, frigideiras e pratos) e os recipientes de armazenagem (talhas e *dolia*). Os *dolia* tinham usos diversos, como guardar cereais, frutas, água, mosto ou vinho. Em Via Cova, é provável que se trate de *dolia frumentaria*, usados para armazenar cereais (Figuras 4 a 8).

A ausência de ânforas importadas e a pouca expressividade de fragmentos de ânfora leva-nos a considerar que alguns produtos usualmente transportados neste tipo de recipiente fossem transportados noutra tipo de recipientes, mais leves, mais fáceis e com menos encargos no seu transporte, sendo possível que algumas das peças classificadas como jarros possam ter cumprido a função de recipiente de transporte (Figuras 9 a 11).

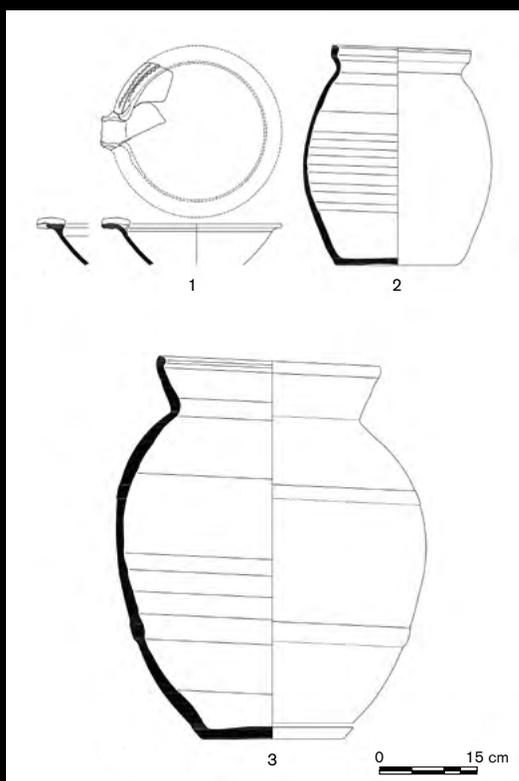
Destacamos a presença de outros produtos cerâmicos importados, nomeadamente a terra *sigillata* hispânica, de período alto-imperial, apesar de serem bastante residuais. Apenas registamos dois fragmentos do centro produtor de Trício: um deles é indeterminado e o outro corresponde à forma hispânica 7 (Figura 14, n.º 2). Deduzimos que esta inexpressividade se deve ao estado atual das investigações, tendo sido apenas intervencionados os níveis da(s) última(s) fase(s) de ocupação, facto que justificará as quantidades mais significativas de terra *sigillata* hispânica tardia e de terra *sigillata* africana presentes no registo arqueológico, que, do ponto de vista cronológico, acompanham a(s) última(s) fase(s) de ocupação, do século III até ao século VI-VII (Figuras 12, n.ºs 5 e 6, 13 e 14, n.º 1).



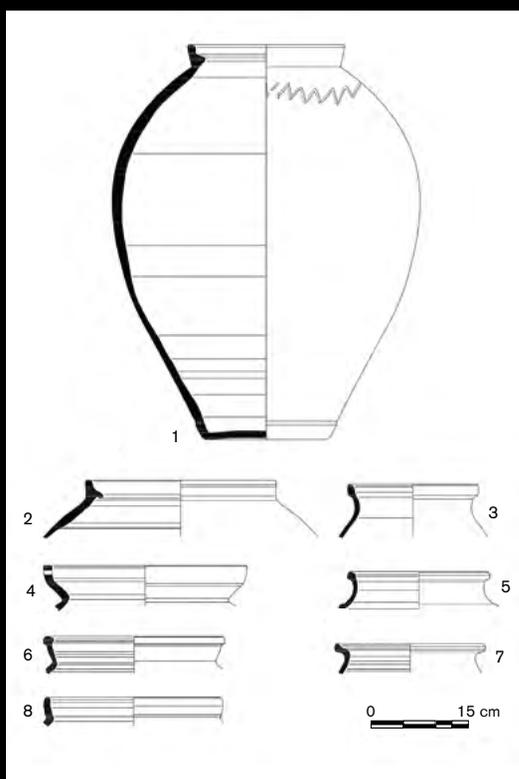
**Figura 4. Cerâmica comum fina:** 1. Taça (cronologia indeterminada); 2. Taça (cronologia indeterminada); 3. Pote (cronologia indeterminada); 4. Fundo (cronologia indeterminada); 5. Fundo (cronologia indeterminada). **Cerâmica comum grosseira:** 6. Indeterminado (cronologia indeterminada); 7. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 8. Indeterminado (cronologia indeterminada); 9. Testo (cronologia indeterminada); 10. Testo decorado (cronologia indeterminada); 11. Testo decorado (cronologia indeterminada).



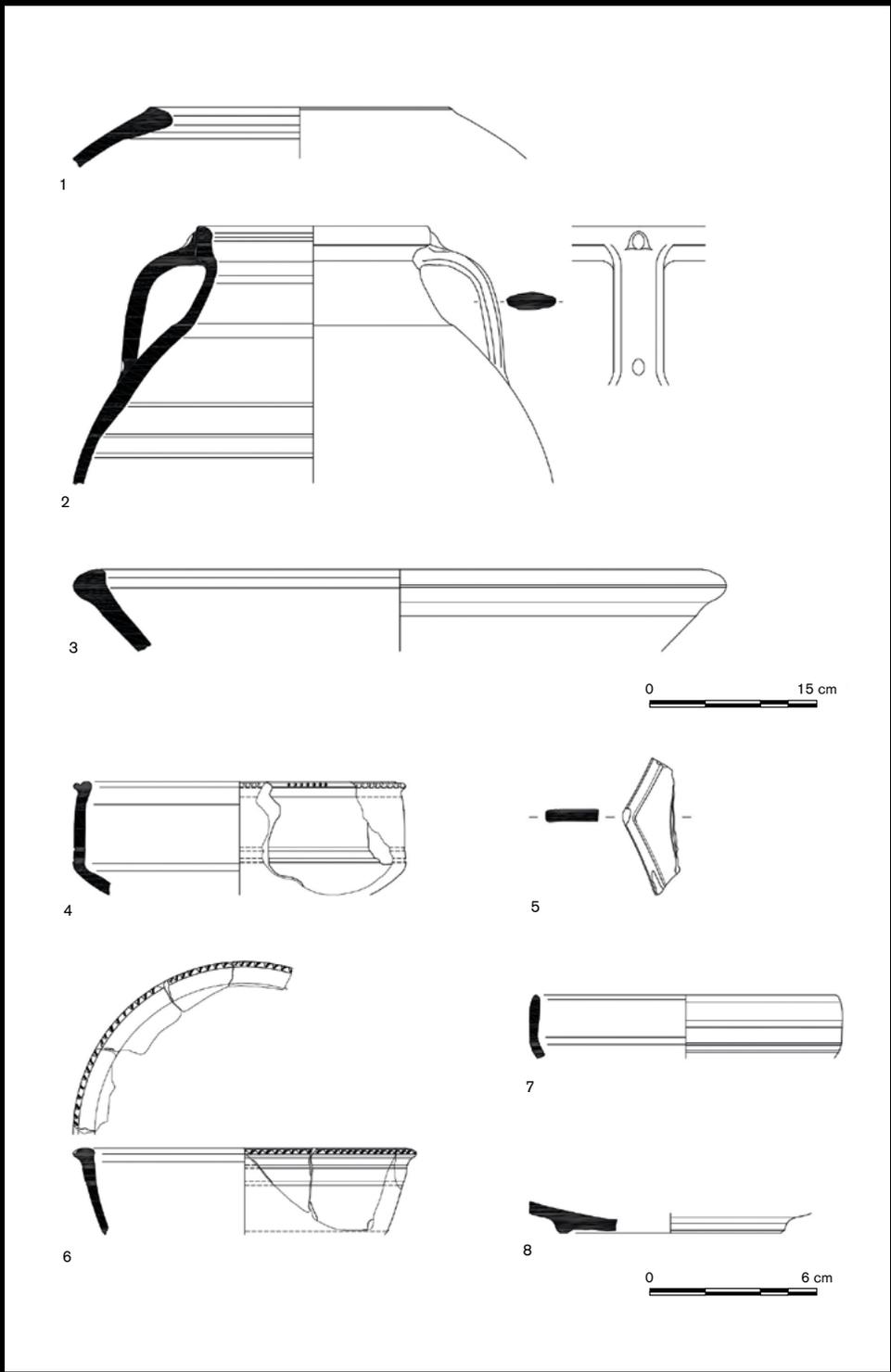
**Figura 5. Cerâmica comum grosseira:** 1. Prato (segunda metade do século III); 2. Frigideira (inícios do século IV); 3. Frigideira (inícios do século IV); 4. Frigideira (posterior ao século V); 5. Frigideira (posterior ao século V); 6. Taça carenada (cronologia indeterminada) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.b); 7. Taça (cronologia indeterminada); 8. Bilha (cronologia indeterminada); 9. Jarro (finais do século II/século IV); 10. Jarro (finais do século II/século IV); 11. Jarro (finais do século II/século IV) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.a); 12. Pote (cronologia indeterminada); 13. Pote (cronologia indeterminada).



**Figura 6. Cerâmica comum grosseira:** 1. Almojariz com vertedouro (inícios do século IV/meados do século V); 2. Talha (cronologia indeterminada) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.c); 3. Talha (cronologia indeterminada) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.d).



**Figura 7. Cerâmica comum grosseira:** 1. Talha (cronologia indeterminada); 2. Talha (inícios do século IV/meados do século V) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.e); 3. Talha (cronologia indeterminada); 4. Talha (cronologia indeterminada); 5. Talha (cronologia indeterminada); 6. Talha (cronologia indeterminada); 7. Talha (cronologia indeterminada); 8. Talha (cronologia indeterminada).



**Figura 8. Cerâmica comum grosseira:** 1. Talha/*Dolia* (inícios do século IV/meados do século V); 2. Cântaro (cronologia indeterminada); 3. Alguidar/Bacia (cronologia indeterminada). **Cinzenta tardia:** 4. Taça (imitação de Hayes 12/102) (séculos V/VI); 5. Tigela (imitação de Hayes 97) (séculos IV/V); 6. Taça (cronologia indeterminada); 7. Indeterminado (cronologia indeterminada); 8. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada).

Dadas as fortes afinidades com os materiais recolhidos na capital conventual, *Bracara Augusta*, é de todo possível que estas produções identificadas em Via Cova possam ter sido adquiridas nesta cidade (Morais, 2010).

Nas cerca de sete dezenas de terra *sigillata* hispânica tardia, a maior parte dos fragmentos corresponde a formas lisas em detrimento de formas decoradas, com o predomínio das produções do vale do Douro relativamente às do Ebro.

As formas decoradas representam cerca de 11,5% da totalidade de terra *sigillata* hispânica tardia, sendo cinco oriundas do Ebro e três do Douro. Esta percentagem inclui todos os fragmentos decorados encontrados em Via Cova, onde apenas foi possível determinar a forma em quatro fragmentos de Dragendorff 37, sendo os restantes fragmentos de pança que não permitem atribuir-lhes com segurança o seu tipo. Os motivos decorativos representados pautam-se pelas rosetas, os ondulosos, as bandas e os grandes círculos, que se distribuem pelo 1.º estilo decorativo.

Em Via Cova, dos dois fragmentos de Dragendorff 37 decorados identificados, um apresenta o 2.º estilo decorativo e outro representa o 3.º estilo.

As formas lisas surgem em maior número no registo arqueológico, com a Ritterling 8 (sete fragmentos) a assumir a maior representatividade, seguida da Palol 1 (cinco fragmentos), Paz 83B / imitação de Hayes 61 B (três fragmentos), Palol 4 e Palol 9/11 (dois fragmentos cada), Palol 2, Palol 5, Palol 8, Palol 11 e Paz Peral 92<sup>a</sup>, com um fragmento cada.

As formas tipicamente hispânicas não apresentam nenhuma variedade, fazendo-se representar apenas por três fragmentos de 83B, imitação da produção africana Hayes 61 B. Ainda nestas formas, temos de assinalar a presença de um fragmento de pança atribuível à Forma 5. No entanto, ainda possuímos algumas dúvidas quanto a esta classificação.

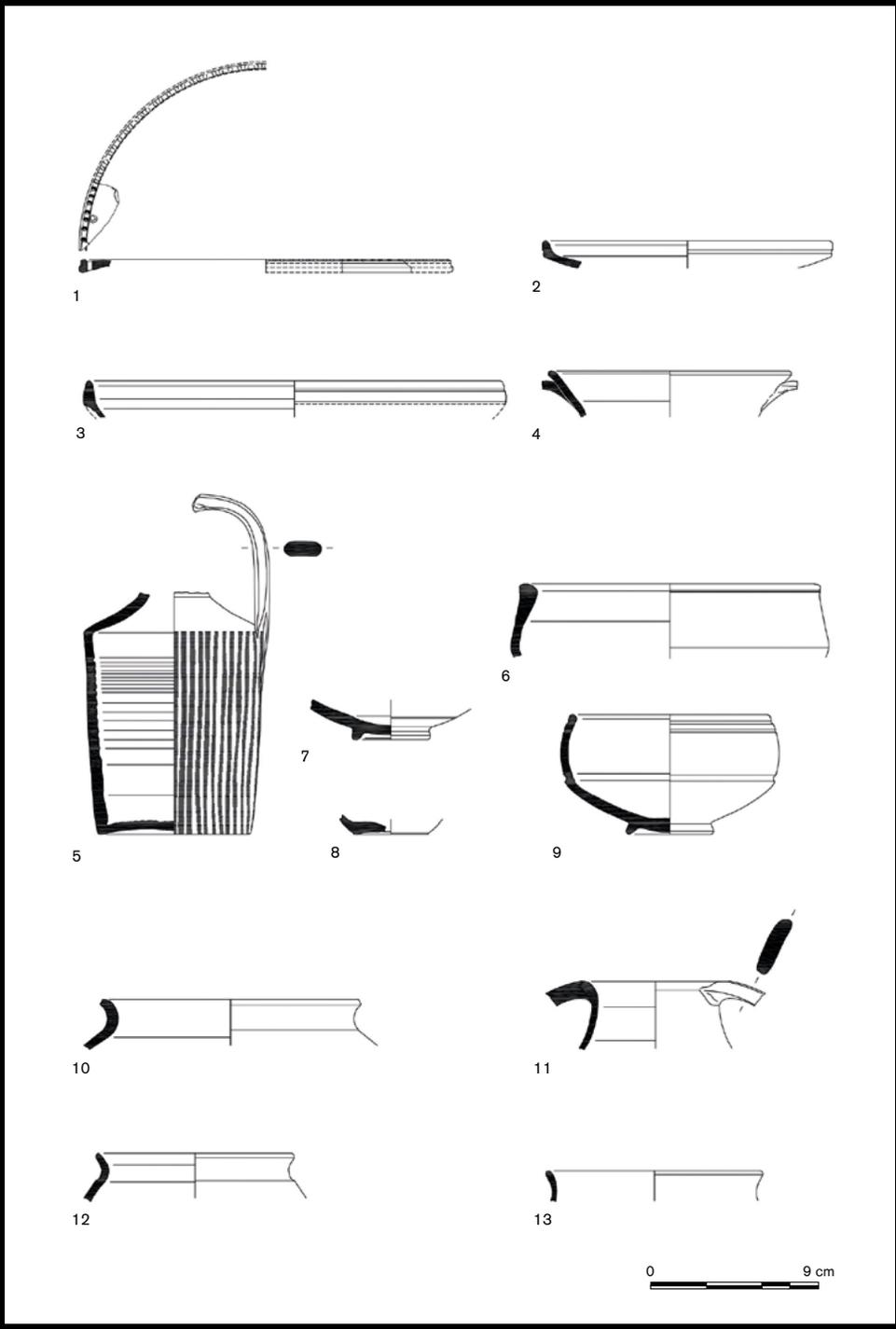
Nas formas integráveis na tipologia de Palol, a forma Palol 1 é a mais representativa, seguida da Palol 4 e 9/11, seguindo-se a Palol 2, 5, 8 e 11. Assinalamos que estas três últimas formas – Palol 5, 8 e 11 – não se encontram representadas em *Bracara Augusta*.

Tal como na capital do *conventus*, podemos apontar uma cronologia da terra *sigillata* hispânica tardia entre o século III e o século VI/VII d.C.

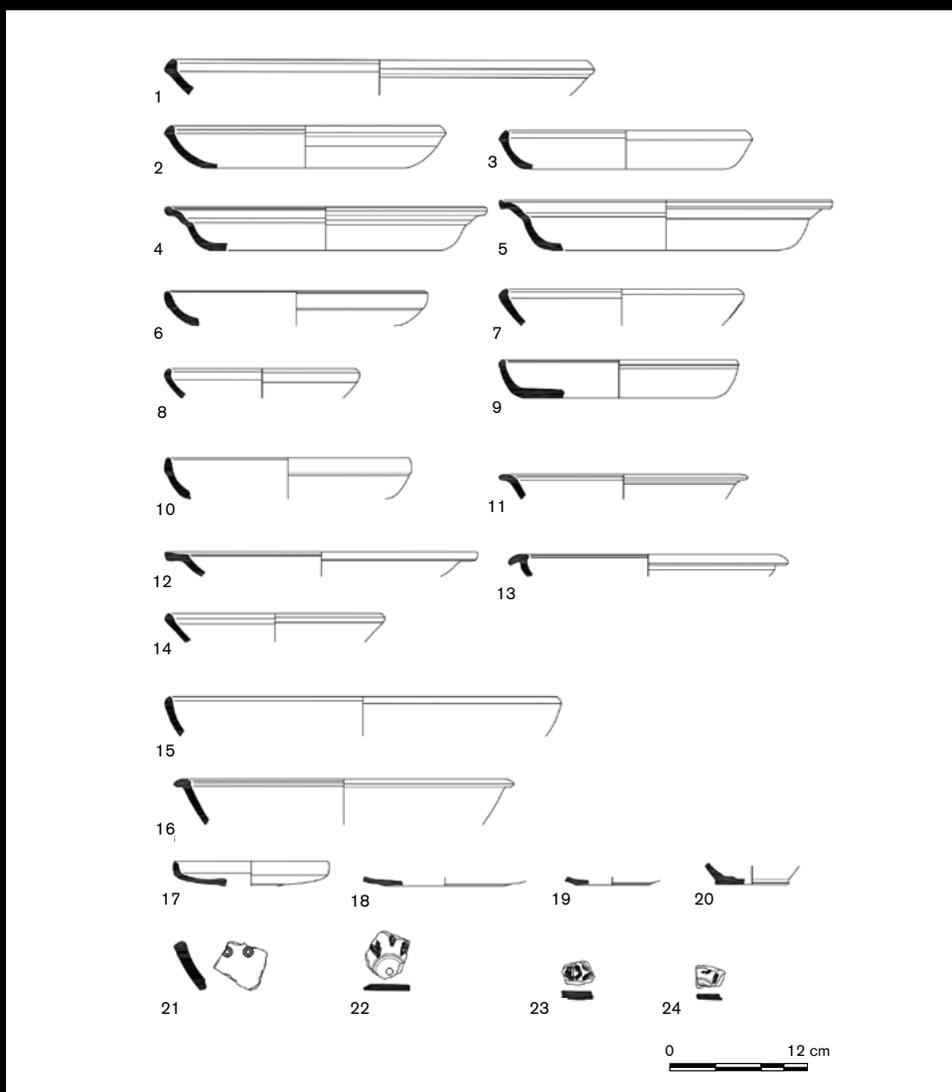
A terra *sigillata* africana aparece em menor percentagem (Figuras 11 e 12, n.ºs 1 a 4). No entanto, é tão representativa como a terra *sigillata* hispânica tardia. As formas mais abundantes correspondem aos tipos Hayes 73 A (sete fragmentos) e Hayes 61 A (quatro fragmentos). As restantes são do tipo Hayes 76 e Hayes 59 B (dois fragmentos cada) e Hayes 60, Hayes 61 A/B, Hayes 67, Hayes 51 e Hayes 91, com um fragmento cada. Para além destes exemplares, foram ainda recuperados fragmentos de fundo de pratos, com decoração estampada de círculos e palmetas com punções do estilo A(ii).

O fabrico D1 é o que está mais representado, com 47 fragmentos, ao contrário do fabrico C4, que só possui nove fragmentos. É ainda de salientar a presença de um fragmento de aba (Hayes 91), que aparenta ser um fabrico A ou B.

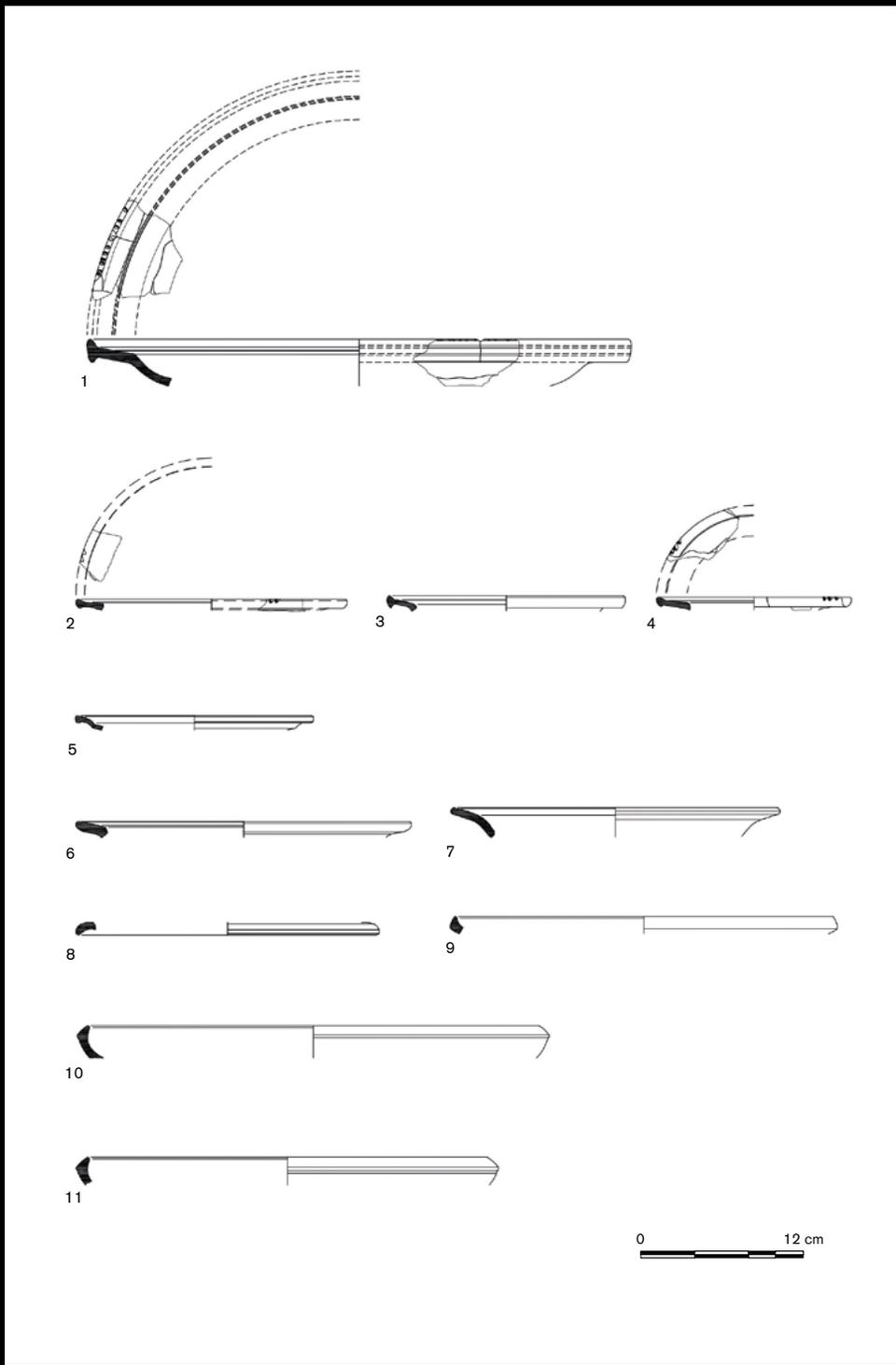
Absolutamente excepcional é um fragmento de pança de um prato, de forma Salomonson A / Hayes 53 A, de fabrico C3, decorado com três legionários. Esta forma está



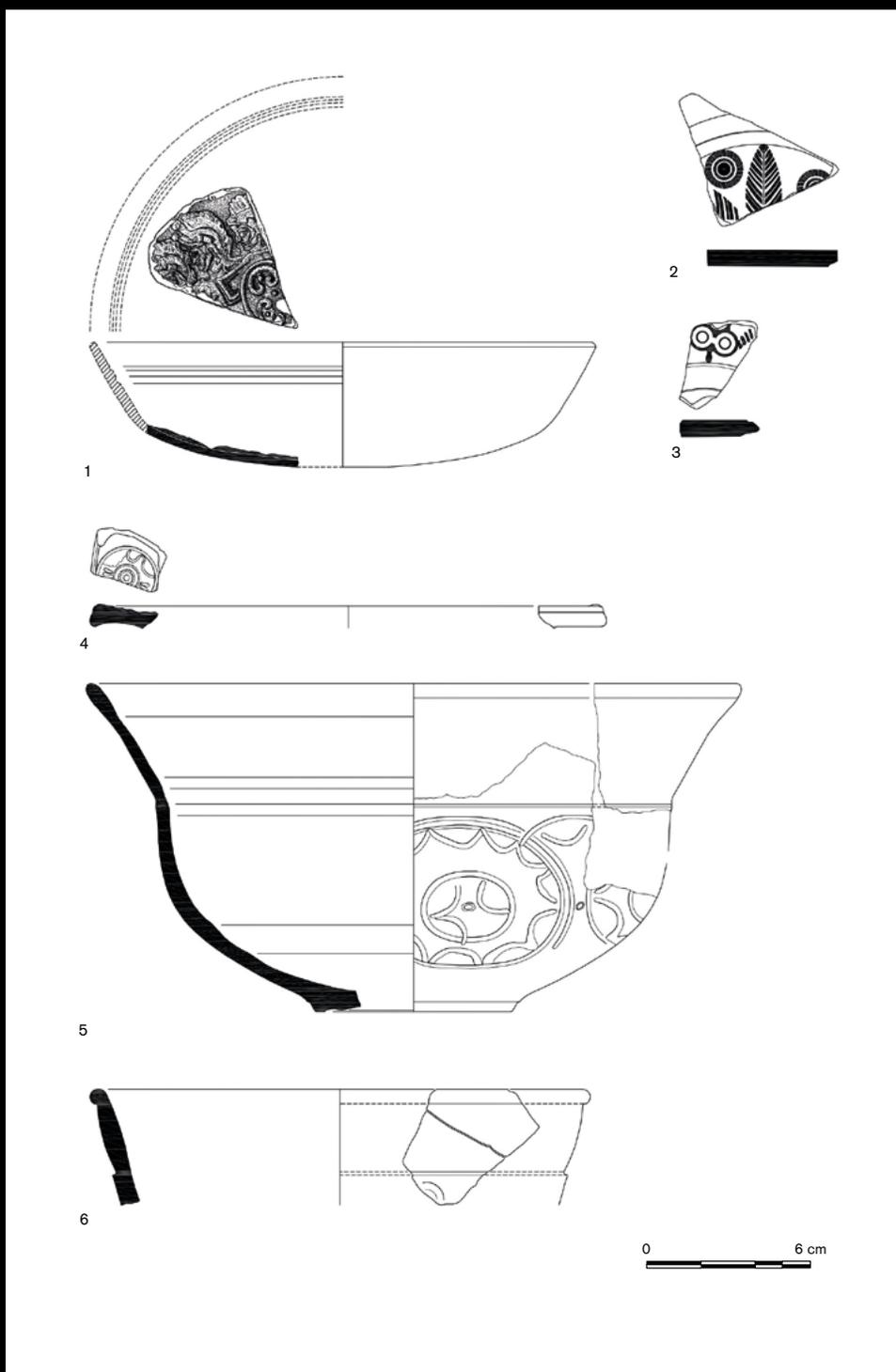
**Figura 9. Cinzenta tardia:** 1. Tigela (imitação de Hayes 73) (século V); 2. Indeterminado (cronologia indeterminada); 3. Prato (imitação de Rigoir 11) (séculos IV/V); 4. Indeterminado (cronologia indeterminada); 5. Bilha (cronologia indeterminada); 6. Taça Carenada (Forma 6) (finais do século V/meados do século VI); 7. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 8. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 9. Taça (imitação de Rigoir 16) (séculos IV/V) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.f). **Engobe branco:** 10. Pote (cronologia indeterminada); 11. Jarro (cronologia indeterminada); 12. Pote (cronologia indeterminada); 13. Pote (cronologia indeterminada).



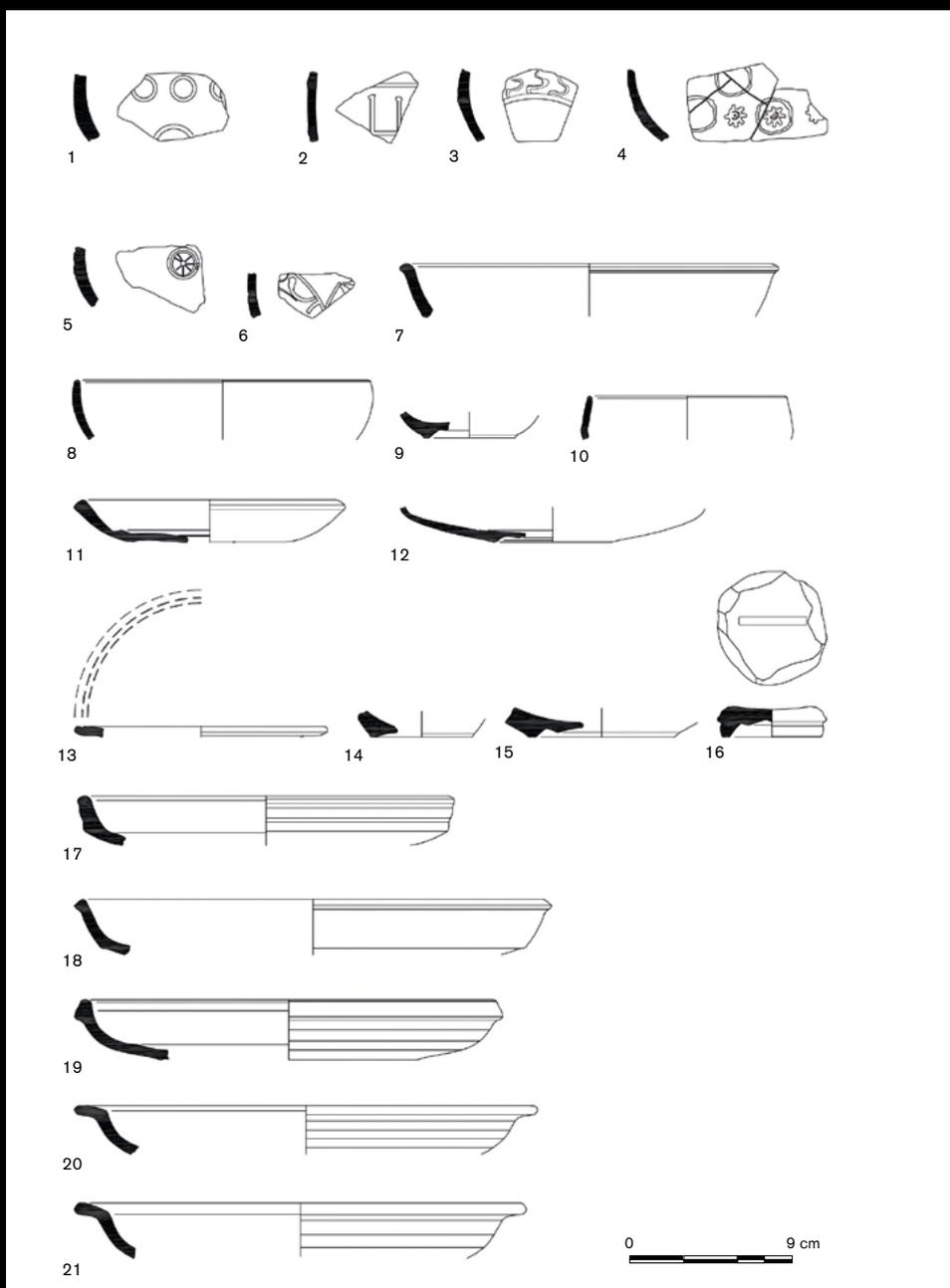
**Figura 10. Engobe vermelho não vitrificável:** 1. Prato (imitação de Hayes 61 A/B – Forma 8 Variante A/B) (primeiro quartel do século IV – 450/segunda metade do século IV – segundo e terceiro quartéis do século V); 2. Prato (imitação de Hayes 61 A/B – Forma 8 Variante A/B) (primeiro quartel do século IV – 450/segunda metade do século IV – segundo e terceiro quartéis do século V); 3. Prato (imitação de Hayes 61 A/B – Forma 8 Variante A/B) (primeiro quartel do século IV – 450/segunda metade do século IV – segundo e terceiro quartéis do século V); 4. Prato (imitação de Hayes 59/67 – Forma 12 Variante B) (350-420/segundo e terceiro quartéis do século V); 5. Prato (imitação de Hayes 59/67 – Forma 12 Variante B) (350-420/segundo e terceiro quartéis do século V); 6. Prato (imitação hispânica tardia (Paz 83B) – Forma 17) (450-500/segundo e terceiro quartéis do século V); 7. Prato (imitação hispânica tardia (Paz 83B) – Forma 17) (450-500/segundo e terceiro quartéis do século V); 8. Prato (imitação hispânica tardia (Paz 83B) – Forma 17) (450-500/segundo e terceiro quartéis do século V); 9. Prato (Forma 19) (segunda metade século IV/início do século V); 10. Prato (cronologia indeterminada); 11. Tigela (cronologia indeterminada); 12. Prato (imitação de Hayes 76 / Forma 14) (450-500/meados e terceiro quartel do século V); 13. Taça (imitação de Dragendorff 36) (inícios do século II); 14. Prato (cronologia indeterminada); 15. Prato (imitação de Oberaden 21) (século II/II); 16. Prato/Travessa (século IV/V); 17. Pratel – Forma 18 Variante A (século IV/V – finais do século IV/inícios do século V); 18. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 19. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 20. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 21. Fundo decorado – Círculos concêntricos Tipo 1a-1b (finais do século IV/segundo e terceiro quartéis do século V); 22. Fundo decorado – Palmetas (estilo A(ii) – palmeta 4h) – Tipo 31a-b (450-500/finais do século IV/segundo e terceiro quartéis do século V); 23. Fundo decorado – Palmetas (estilo A(ii) – palmeta 4h) – Tipo 31a-b (450-500/finais do século IV/segundo e terceiro quartéis do século V); 24. Fundo decorado – Palmetas (estilo A(ii) – palmeta 4h) – Tipo 31a-b (450-500/finais do século IV/segundo e terceiro quartéis do século V).



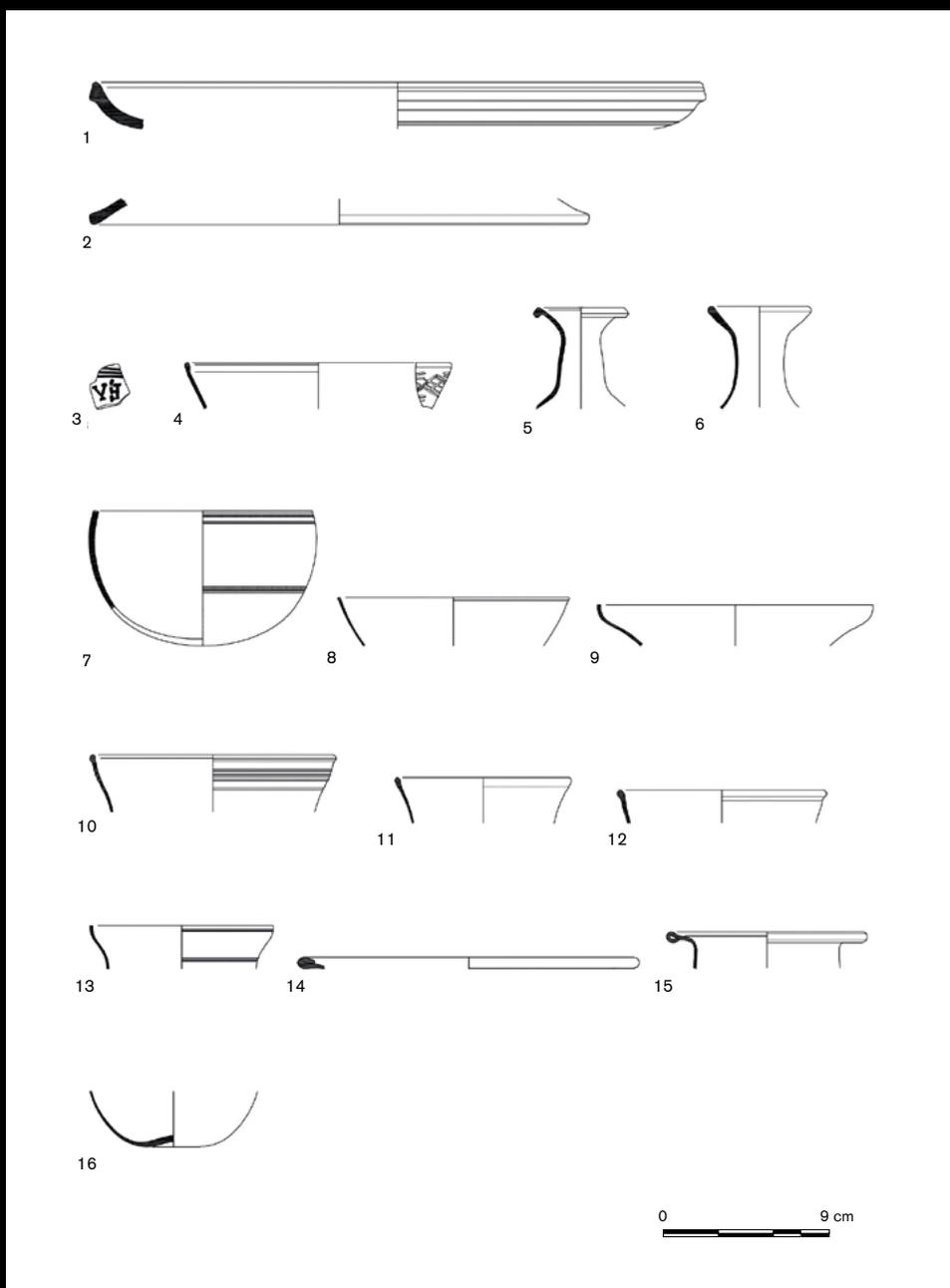
**Figura 11. Terra sigillata africana:** 1. Prato (Hayes 76) (360/ 425-475); 2. Prato (Hayes 76) (360/ 425-475); 3. Taça (Hayes 73 A) (420-475); 4. Taça (Hayes 73 A) (420-475); 5. Prato (Hayes 67) (360-420); 6. Prato (Hayes 59 B) (320-380/420); 7. Prato (Hayes 60) (360-468); 8. Tigela (Hayes 91) (cerca de 450 a cerca de 600); 9. Prato (Hayes 61 A) (325-400/420); 10. Prato (Hayes 61 A) (325-400/420); 11. Prato (Hayes 61 A/B) (primeiro quartel do século IV/450).



**Figura 12. Terra sigillata africana:** 1. Prato / Taça (Salomonson A / Hayes 53 A) (segunda metade do século IV/até ao primeiro quartel do século V); 2. Fragmento de fundo decorado (Palmetas e círculos – estilo A(ii) (cerca de finais do século IV ao terceiro quartel do século V); 3. Fragmento de fundo decorado (círculos) (primeira metade do século V); 4. Taça (Hayes 51) (século IV). **Terra sigillata hispânica tardia:** 5. Taça (Dragendorff 37 – 2.º estilo) (século V); 6. Taça (Dragendorff 37 decorada – 1.º estilo) (terceiro quartel do século IV).



**Figura 13. Terra sigillata hispánica tardia:** 1. Taça (Dragendorff 37 (?)) decorada – 1.º estilo (meados do século III/século IV/V); 2. Fragmento Dragendorff 37 (?) decorado (3.º estilo) (século V); 3. Fragmento decorado (3.º estilo) (século V); 4. Fragmento decorado (1.º estilo) (terceiro quartel do século IV); 5. Fragmento decorado (1.º estilo) (terceiro quartel do século IV); 6. Fragmento decorado (3.º estilo) (século V); 7. Taça (Ritterling 8) (século III/IV); 8. Taça (Ritterling 8) (finais do século III – segunda metade do século IV/meados – terceiro quartel do século IV); 9. Fundo (Ritterling 8) (finais do século III – segunda metade do século IV/meados – terceiro quartel do século IV); 10. Taça (Palol 9/11) (século V); 11. Prato (Palol 5) (século IV/V); 12. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 13. Taça (Palol 8) (século IV); 14. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 15. Fundo indeterminado (cronologia indeterminada); 16. Fundo com cartela retangular (cronologia indeterminada); 17. Prato (Palol 1) (século V); 18. Prato (Palol 1) (século V); 19. Prato (Palol 2) (a partir de 480); 20. Prato (Palol 4) (século V); 21. Prato (Palol 4) (século V).



**Figura 14. Terra sigillata hispânica tardia:** 1. Prato (83 B / imitação de Hayes 61 B) (430-500). **Terra sigillata hispânica:** 2. Testo (Hispanica 7) (finais do século I/inícios do século II). **Vidros:** 3. Fragmento com letras (cronologia indeterminada); 4. Taça decorada (campanulada ampla) (século V); 5. Garrafa (cronologia indeterminada); 6. Jarro (largo bocal afunilado) (século IV/século V); 7. Taça (arqueada hemisférica de bordo em aresta) (segunda metade do século IV/inícios do século V); 8. Taça (arqueada hemisférica) (segunda metade do século IV/século V); 9. Taça (arqueada baixa lisa) (segunda metade do século IV/século V); 10. Taça (campanulada funda) (segunda metade do século IV/século V); 11. Taça (campanulada funda) (segunda metade do século IV/século V); 12. Taça (campanulada funda) (segunda metade do século IV/século V); 13. Taça (arqueada funda lisa – Isings 96a, AR 60, T 49<sup>a</sup>) (meados do século III/inícios do século V); 14. Taça (bordo tubular em aba – Isings 115, AR 109.2) (décadas de 40 a 80 do século IV); 15. Taça (bordo tubular em aba – Isings 115, AR 109.2) (segunda metade do século IV/meados do século V); 16. Fundo de taça (campanulada / variante indeterminada) (segunda metade do século IV/meados do século V).

documentada na bacia ocidental do mediterrâneo, com alguns exemplares na Grécia e no Egito, mas completamente ausente de *Bracara Augusta*. Também ausente da capital de *conventus* está a forma Hayes 76.

Pouco consentâneos com as cronologias apresentadas para a terra *sigillata* hispânica tardia, a terra *sigillata* africana marca um período do primeiro quartel do século IV até ao terceiro quartel do século V d.C., podendo o período final ser estendido até ao fim do século VI/inícios do século VII d.C. Este período final é caracterizado pela presença de um fragmento de aba de uma Hayes 91 que tem um período de vida entre cerca de 450 a 600 d.C.

A presença destes produtos importados explica o triunfo e o aparecimento de produções de âmbito local/regional que imitam os produtos da “moda” a um menor custo. Estas produções inseridas nas cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável são das mais abundantes na *villa*, com 137 fragmentos, logo a seguir à cerâmica comum.

A grande maioria imita as produções africanas, ainda que algumas reproduzam as formas de *sigillata* hispânica alto e baixo-imperiais, nomeadamente uma imitação da Dragendorff 36 alto-imperial e quatro fragmentos pratéis do tipo Paz 83B baixo-imperiais. Da mesma forma que a terra *sigillata* africana, o expoente máximo destas produções recuperadas na *villa* data entre o primeiro quartel do século IV e o terceiro quartel do século V d.C. A grande maioria imita as formas Hayes 59/67 – Forma 12 Variante B (15 exemplares). As restantes estão distribuídas pelas imitações das formas Hayes 61 A/B – Forma 8 Variante A/B (seis exemplares), Hayes 61 A – Forma 8 Variante A (quatro exemplares), Hayes 76 – Forma 14 (dois exemplares), Hayes 61B – Forma 8 Variante B (um exemplar) e Forma 18 Variante A (um exemplar). Fazem parte deste conjunto fragmentos de fundos de pratos estampados com palmetas e círculos que curiosamente imitam as produções africanas do estilo A(ii).

Para além da imitação da Dragendorff 36, foi encontrado um fragmento de um prato imitação de Oberaden 21. Estes dois fragmentos possuem uma cronologia díspar de todo o restante engobe vermelho não vitrificável: o primeiro será do século I/II e o segundo dos inícios do século II.

As cerâmicas de engobe branco também marcam a sua presença nos contextos arqueológicos de Via Cova (Figura 9, n.º 10 a 13). Os 84 fragmentos identificados em Via Cova não são passíveis de nos dar formas tal é o seu estado fragmentário. Na sua grande maioria, são fragmentos de pança, apesar de haver alguns fragmentos de fundos, asas e bordos. Estes materiais surgem em níveis associados a terra *sigillata* africana, terra *sigillata* hispânica tardia, engobe vermelho não vitrificável e vidros que possuem um balizamento cronológico entre o primeiro quartel do século IV e o século V/VI d.C.

As cerâmicas pintadas surgem de forma muito residual nos contextos de Via Cova, com apenas 34 fragmentos, dos quais não nos é possível retirar grandes ilações, devido ao seu estado fragmentário e de degradação. Na maior parte, parecem possuir pastas ajustadas com as pastas do fabrico de Prado, sendo um ou outro consentâneo com os fabricos caulíníticos, mas dos quais subsistem muitas dúvidas. Na decoração só se vislumbra a utilização de motivos a vermelho.

Na *villa* estão ainda documentados fragmentos de cerâmica cinzenta tardia, de produção local, que constituem um conjunto bem diferenciado pelo seu fabrico e formas largamente estudadas por Alexandra Gaspar (2000).

Dos 85 fragmentos de cinzenta tardia exumados em Via Cova, apenas identificamos 18 fragmentos passíveis de nos dar forma, patenteando imitações de gálicas e de terra *sigillata* africana (Figuras 8, n.ºs 4 a 8, e 9, n.ºs 1 a 9). As decorações também são pouco variadas, surgindo apenas os óvulos na parte superior do bordo, os losangos e as caneluras.

Foram classificados seis fragmentos que imitam a forma Rigoir 16, quatro fragmentos de Taça Carenada (Forma 6), três fragmentos de tigela imitação de Hayes 97, dois fragmentos de tigela imitação de Hayes 73, dois fragmentos de imitação de Hayes 12/102 e um fragmento de imitação de Rigoir 11, datados dos séculos V e VI d.C.

A leitura que fazemos acerca destes materiais importados e das imitações, que parecem replicar-se nos materiais identificados em *Bracara Augusta*, sugere-nos a existência de uma rede de intermediários entre o mercado da capital e outros mercados regionais. A reforçar esta nossa asserção registamos a presença de uma lucerna completa de bico redondo, atípica, datada dos séculos IV/V d.C., idêntica a um grande número de fragmentos do mesmo tipo recolhidos em Braga (Morais, 2005, vol. I, p. 346; vol. II, p. 439) (Figura 15, n.º 1).

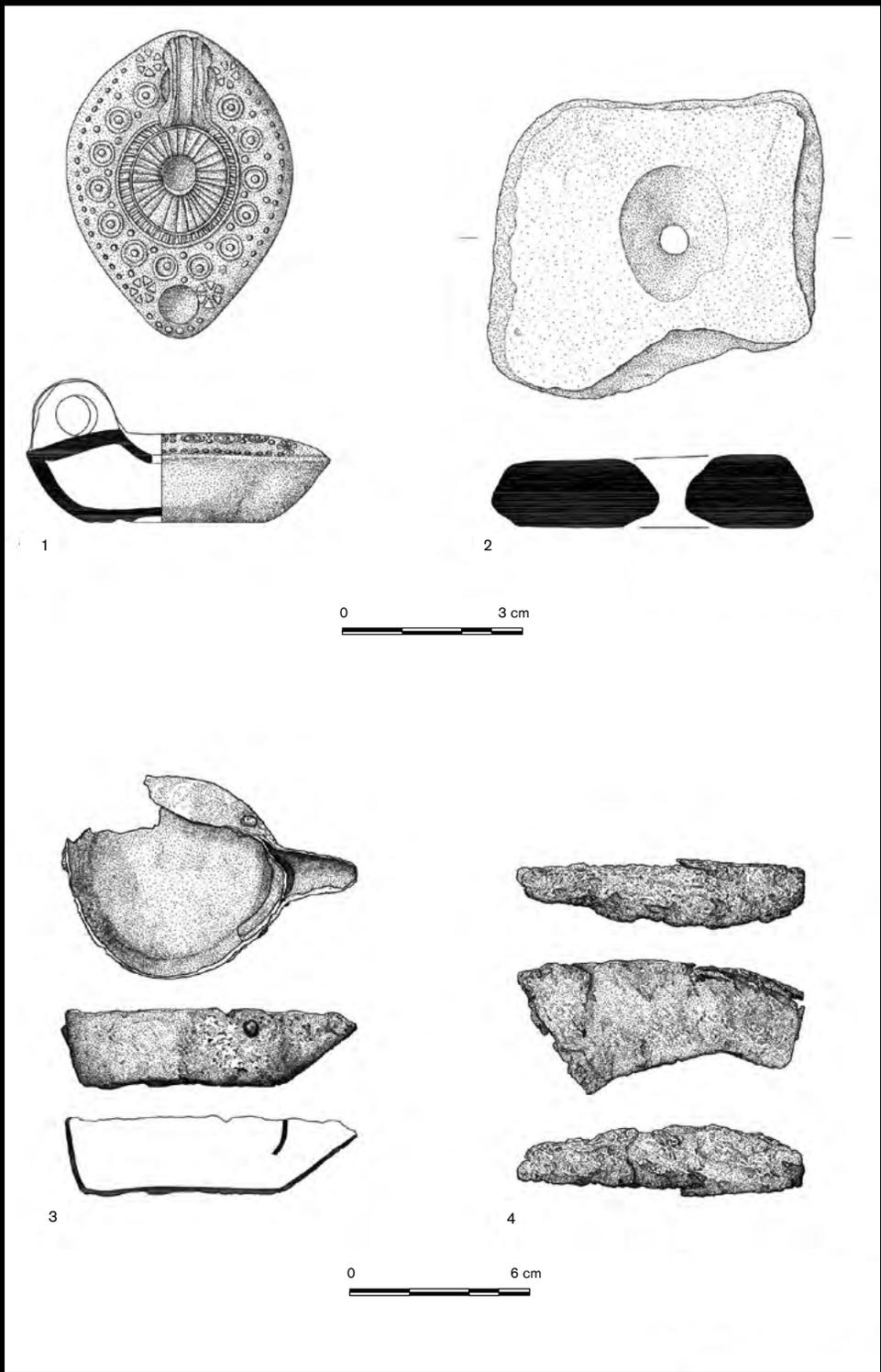
Nas produções cerâmicas que marcam presença nos contextos arqueológicos de Via Cova queremos ainda evidenciar algumas produções cerâmicas subsidiárias de outras atividades.

De apoio à atividade têxtil foram identificados alguns pesos de tear, que assumem as formas mais variadas: paralelepípedos, pirâmides truncadas de base retangular e quadrangular, face trapezoidal e lado retangular.

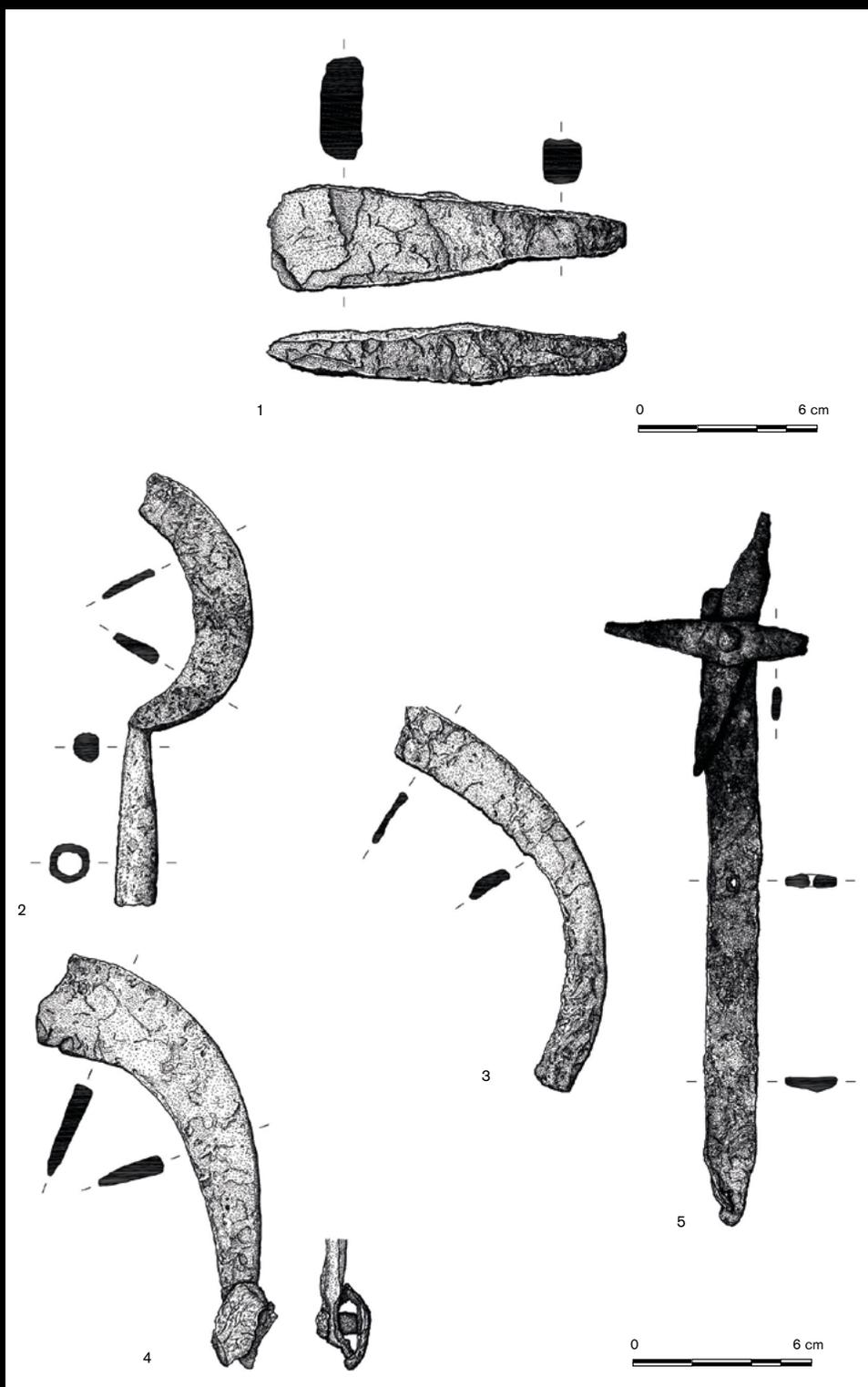
A identificação de um disco fragmentado (Figura 15, n.º 2) que, eventualmente, será utilizado na fase do torneamento ou enformamento da produção cerâmica, sugere-nos a produção de cerâmica. Este elemento, usualmente designado por anel de suporte, isolado ou separado, encontra-se documentado em alguns centros de produção cerâmica (Morais, 2005, vol. I, p. 185; vol. II, p. 5, n.º 6).

No que se concerne aos vidros – 146 fragmentos –, apenas foram identificadas formas que se enquadram da segunda metade do século IV ao século V d.C (Figura 14, n.ºs 3 a 16). Destas não podemos deixar de realçar a presença de uma taça arqueada funda, de perfil em S suave e em aresta viva (Isings 96a, AR 60, T 49<sup>a</sup>), decorada por abrasão, que possui o início de produção entre meados do século III e o início do século V d.C.

A diversidade morfológica contempla taças campanuladas fundas, de forma troncocónica, com bordo engrossado a fogo (17 fragmentos), taças campanuladas amplas, de forma troncocónica, com bordo engrossado a fogo (cinco fragmentos), taças arqueadas amplas, lisas, em forma de arco invertido e bordo de perfil em S e em aresta viva (três fragmentos), taças de bordo tubular em aba oblíqua (três fragmentos), uma delas possui bicos repuxados, taças arqueadas com depressões verticais (dois fragmentos), taças arqueadas hemisféricas, com fio aplicado e decoradas por abrasão (dois fragmentos), uma taça arqueada ampla, lisa, em forma de arco invertido e bordo de perfil em S e em aresta viva, e uma taça arqueada hemisférica, de bordo em aresta.



**Figura 15. Lucerna:** 1. Lucerna de bico redondo (atípica) (à roda dos fins do século III/inícios do século IV) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.g). **Vária:** 2. Disco (anéis/suporte) (cronologia indeterminada) (Desenho Museu D. Diogo de Sousa). **Metais:** 3. Candela (cobre) (cronologia indeterminada); 4. Machado/Cunha (?) (ferro) (cronologia indeterminada).



**Figura 16. Metais:** 1. Machado (?) (ferro) (cronologia indeterminada); 2. Foice (ferro) (cronologia indeterminada); 3. Foice (ferro) (cronologia indeterminada); 4. Foice (ferro) (cronologia indeterminada); 5. Grade (ferro) (cronologia indeterminada).

Destacamos também dois fragmentos de garrafa, cuja forma e local de produção foi impossível determinar, e dois boiões de produção de Braga, um de bordo em aba e o outro de forma ovoide, de bordo simples envasado. É também de assinalar um jarro de largo bocal afunilado, do qual não foi possível determinar a sua forma e local de produção.

A maioria dos fragmentos não apresentam decoração, tendo sido identificados apenas 27 fragmentos decorados. Da sua análise podemos aferir que a grande maioria das decorações são aplicadas, seguindo-se a decoração por abrasão e as depressões conjugadas com motivos decorativos por abrasão. Destacamos dois fragmentos com decoração gravada, uma taça campanulada ampla com losangos e um fragmento indeterminado com letras gravadas.

Todos estas produções são oriundas das oficinas do noroeste peninsular, sendo que 12 são de oficinas de Braga, um da oficina do Fajal e dois da oficina dos CTT.

Ainda nos vidros, foram identificados sete fragmentos de vidro que indiciam ser vidraça de janelas.

Patenteando, possivelmente, uma das atividades predominantes em Via Cova – a agricultura –, foi exumado um conjunto significativo de alfaías agrícolas, composto por três foices, um sacho, uma relha e vários tipos de mós, que evidenciam o cultivo da terra e o processamento de cereais (Figura 16, n.º 2 a 4).

A par da agricultura, a criação e a pastorícia de ovinos e caprinos e de gado bovino estão atestadas por vários tipos de chocalhos exumados durante as escavações.

Poderemos ainda realçar a presença de alguns artefactos em metal ligados à construção, nomeadamente pregos, um aloquete e um fragmento de grade de janela (Figura 16, n.º 5). Completando este vasto leque de metais, destacamos os machados e cunhas (Figuras 15, n.º 4, e 16, n.º 1), as lâminas de faca, os cravos de sandálias, um *pilum*, uma estaca e uma candela em cobre (Figura 15, n.º 3).

O acervo numismático identificado em Via Cova faz-se compor por 13 exemplares de época romana, com uma cronologia atribuível ao século IV ou inícios do V d.C.

Dos exemplares com leitura podemos inferir que o conjunto é constituído integralmente por emissões posteriores ao ano 300, existindo somente um numisma de cunhagem anterior ao período de 330-335: um *nummus* de *Crispvs* cunhado em *Londinium*, com o tipo *Beata Tranquillitas*. Correspondem a emissões ocidentais, gálicas ou itálicas, com exceção de uma moeda da série *Gloria Exercitvs* (dois estandartes), cunhada em *Thessalonica* (casa de moeda dos Balcãs Ocidentais) (Figuras 17 e 18).

No material lítico exumado, para além dos elementos arquitetónicos e mós, destacamos as pedras de amolar, as prováveis peças de jogo e um fantástico fragmento de uma lamela de oculista que servia para misturar os unguentos. A lamela de oculista parece ser de mármore, de forma retangular e cor negra, que apresenta as extremidades biseladas. Podemos encontrar paralelos para esta peça em Conimbriga (Alarcão, *et al.*, 1979, p. 147).

Ano	Londinium	Thessalonica	Treveri / Arelate	Indet.	Total
321	1	---	---	---	1
330-335	---	1	---	3	4
337-341	---	---	1	1	2
341-348	---	---	---	1	1
355-358	---	---	---	3	3
Séc. IV	---	---	---	2	2
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>13</b>

Figura 17. Percentagem de moedas por casa de moeda e período de emissão.



Figura 18. Nummus de Crispus, cunhado em Londinium, com o tipo Beata Tranquillitas 321 d.C., e Nummus de Constantinus I, moeda da série Gloria Exercitus (dois estandartes), cunhada em Thessalonica, 330-335 d.C. (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, s.d.h; s.d.i; s.d.j; s.d.k).

#### 4. Síntese do enquadramento crono-estratigráfico da cultura material

Nestas considerações não incluiremos a cultura material oriunda dos níveis de revolvimento perpetrados pelas construções recentes e pelo uso do solo em época contemporânea. Como será expectável, nestes estratos foram identificados materiais de época romana conjuntamente com materiais de época contemporânea, inclusive produções de importação e imitação passíveis de nos fornecerem dados cronológicos.

Apesar dos condicionalismos inerentes a esta intervenção arqueológica, da análise dos materiais passíveis de nos darem cronologias foi possível estabelecer as diferentes fases de construção/remodelação/reparação do edificado que nos parecem ser coerentes com a leitura que efetuámos de todo o registo arqueológico.

Assim, com base na estratigrafia, no espólio recolhido e nas características construtivas, formulámos, com carácter hipotético, três fases para a sequência ocupacional deste sítio:

### **Fase I – Fundação**

Desta fase pouco ou nada sabemos, devido às construções que se lhe sobrepuseram, nomeadamente a *villa* do baixo império, e, sobretudo, pelo estado inacabado da intervenção arqueológica de 1990.

Esta fase mais antiga corresponderá à fundação da *villa* romana, datável de finais do século I/inícios do século II. O raro espólio que a escavação forneceu deste período incluiu um fragmento de uma Dragendorff 18/31 de terra *sigillata* gálica, que estava incrustada no pavimento, datando esta primeira fase de construção.

### **Fase II – Reformulação**

Pela correlação da análise das características construtivas e pelo espólio recolhido, terá ocorrido no primeiro quartel ou na primeira metade do século IV. Este facto é indesmentível pelo *nummus* de *Crispus* cunhado pela casa da moeda de *Londinium*, recolhido num pavimento que condena algumas estruturas da Fase I.

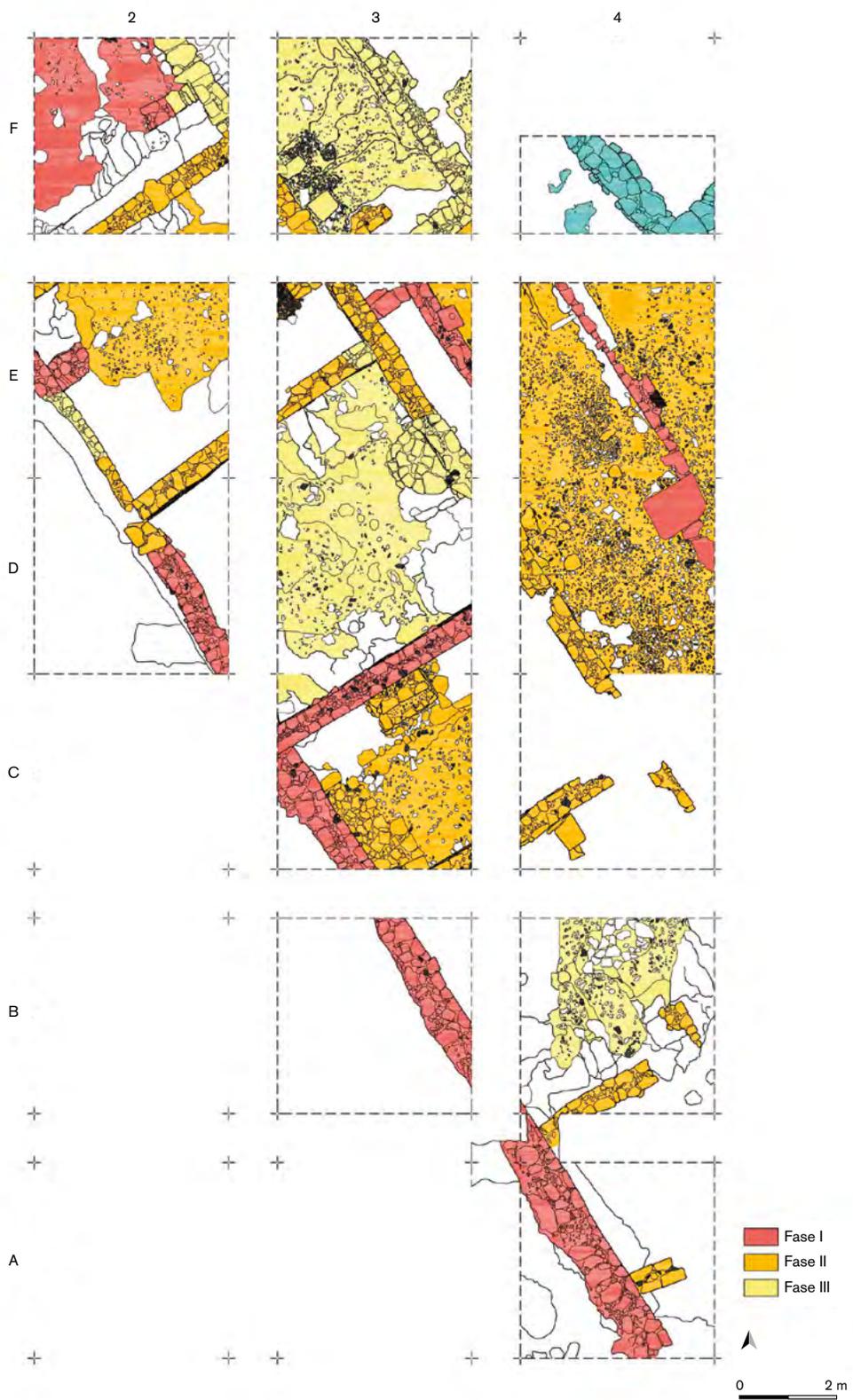
Será neste momento que nasceu uma nova construção, a legítima sucessora do edifício alto-imperial. As razões que presidiram a tal profunda mudança no edificado não as sabemos. Contudo, podemos sempre sugerir a hipótese de ter havido a necessidade de adaptar o espaço edificado a novas necessidades desta época, diminuindo e organizando as diversas dependências que faziam parte do edifício mais antigo.

O edifício desta fase sobreviveu até ao século VI, pelo menos, tendo em conta a cronologia das cinzenta tardia, terra *sigillata* hispânica tardia e terra *sigillata* africana. No entanto, durante este período, foram operadas algumas remodelações e reparações no edificado, visíveis, essencialmente, pela diferença no modo de construir de algumas estruturas.

### **Fase III – Declínio**

Nesta fase incluímos repavimentações, reparações e construção de um novo anexo que corresponderão a um momento de declínio da *villa*, havendo, possivelmente, alguns espaços que teriam já sido desafetados, enquanto outros ainda mantinham a sua funcionalidade, como referimos anteriormente.

Situáramos o início desta fase entre finais do século IV/primeira metade do século V, tendo em conta as inclusões culturais que conseguimos na preparação de um pavimento, nomeadamente engobe vermelho não vitrificável e cinzenta tardia.



**Figura 19.** Fases ocupacionais da *villa* de Via Cova.

## 6. Considerações finais

A *villa* de Via Cova terá marcado um extenso território ao longo de um vasto período, que, certamente, teve vários proprietários (*domini*).

Considerando as várias tipologias de *villae* e as limitações na sua definição, a área intervencionada de Via Cova parece corresponder à *pars rustica*, que talvez possa corresponder a um modelo de *villa* orgânico. O que poderia ter sido, numa fase inicial, uma *villa rustica*, com o enriquecimento do *dominus* foi, progressivamente, transformada numa zona artesanal de transformação e armazenamento de produtos e alfaias agrícolas, tendo sido construída, nas suas imediações, uma outra habitação dotada de todos os luxos e riqueza correspondente ao novo estatuto socioeconómico do seu senhor. Em finais de 1999, a cerca de 100m a norte da área escavada, foram identificados muros e elementos arquitetónicos, nomeadamente um capitel coríntio, que nos permitem situar aqui a *pars urbana*, reforçando esta nossa interpretação (Carvalho, 2008, p. 232).

A propriedade aqui instalada deveria corresponder a um modelo largamente difundido no mundo romano, constituído pelo *ager*, o *saltus* e a silva, isto é, as terras agrícolas e férteis, a meia encosta apta para o pastoreio e a floresta nos cumes, tornando-se assim um território autossuficiente.

Esta só seria rentável se conseguisse otimizar a exploração do território, obtendo dividendos que permitissem criar condições para a sua autossuficiência, dependendo pouco do *macellum*. Para além das terras férteis, era certamente fundamental e importante a sua posição geográfica relativamente ao maior mercado do *Conventus Bracaraensis* – a cidade romana de *Bracara Augusta* –, que facilitaria as diversas atividades económicas. A circulação de bens e pessoas certamente beneficiava da passagem da via XVII do itinerário de Antonino, que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, pelo atual território de Póvoa de Lanhoso.

A cultura material exumada na intervenção arqueológica permite-nos traçar estas relações comerciais, sendo significativos os materiais importados e de imitação presentes nos contextos arqueológicos de *Bracara Augusta* e Via Cova.

Da mesma forma, e com base nos mesmo indicadores da cultura material de Via Cova, podemos inferir a existência de outras ligações comerciais, tendo em conta as produções de terra *sigillata* hispânica tardia e terra *sigillata* africana ausentes nos contextos arqueológicos de *Bracara Augusta*.

Queremos também aqui enaltecer o conjunto significativo de alfaias agrícolas exumadas em Via Cova, que refletem, possivelmente, a principal atividade económica da *villa*.

## Referências bibliográficas

Alarcão, J., Étienne, R., Alarcão, A. e Ponte, S., 1979. *Fouilles de Conimbriga. 7, Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris: Mission Archéologique Française au Portugal/Museu Monográfico de Conimbriga.

Gaspar, A., 2000. *Contribuição para o estudo das cerâmicas dos séculos V/VI de Braga*. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho.

Carvalho, H. P., 2008. *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarenensis. Volume I*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

IGE – Instituto Geográfico do Exército, 1998. *Carta Militar de Portugal: Série M 888 / Escala 1:25 000. Póvoa de Lanhoso: Folha 57*. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Martins, M., 1990. *A villa de Via Cova (Póvoa de Lanhoso). Relatório de escavações*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Martins, M., e Carvalho, H. P., 2010. Vestígios romanos no concelho da Póvoa de Lanhoso. In: *1.º encontro – Itinerários do património*. Póvoa de Lanhoso, Portugal, 2010. Póvoa do Lanhoso: [s.n.].

Morais, R. M. L., 2005. *Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período alto-imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/Núcleo de Arqueologia.

Morais, R. M. L., 2010. Estudio preliminar de la terra sigillata hispánica tardia de *Bracara Augusta*. In: *Rei Cretariæ Romanæ Fautorvm*, ed., 2010. *Acta Rei Cretaria Romanæ Fautorum 41: Congressus vicesimus sextus Rei Cretariae Romanæ Fautorum Gadibus habitus MMVIII*. Oxford: *Rei Cretariæ Romanæ Fautorvm*. pp. 437-461.

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.a]. *[Cerâmica comum grosseira: Jarro]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.b]. *[Cerâmica comum grosseira: Taça carenada]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.c]. *[Cerâmica comum grosseira: Talha]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.d]. *[Cerâmica comum grosseira: Talha]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.e]. *[Cerâmica comum grosseira: Talha]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.f]. *[Cinzenta tardia: Taça (imitação de Rigoir 16)]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.g]. *[Lucerna: Lucerna de bico redondo]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.h]. *[Nummus de Constantinus I: anverso]*. [fotografia] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.i]. *[Nummus de Constantinus I: reverso]*. [fotografia] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.j]. *[Nummus de Crispvs: anverso]*. [fotografia] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.k]. *[Nummus de Crispvs: reverso]*. [fotografia] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, [s.d.]. *[Vária: Disco]*. [desenho] (Braga, Arquivo do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Ribeiro, J. M. S., 2018. *A villa de Via Cova (Povo de Lanhoso) e a problemática das villae romanas no Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Sousa, L., 2018. *[Localização da villa de Via Cova]*. [cartografia] (Arquivo pessoal de Luís Sousa).